

PREVALÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EM UMA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA

Cristina Ferreira Tomé¹, Elisângela Aparecida Marçal¹, Eliangela Saraiva Oliveira Pinto², Fernanda Maria Brandão³, Isabela Ferreira Bitencourt³

Resumo: O leite materno contém todos os nutrientes que a criança precisa, previne doenças como diarreia, infecção respiratória, alergias e evita morte infantil. Deve ser contemplado exclusivamente até os seis meses de vida, e a continuação até os dois anos de idade ou mais. Realizou-se uma pesquisa do tipo descritiva transversal, numa Estratégia Saúde da Família, localizada no município de Pedra do Anta, estado de Minas Gerais. Participaram da pesquisa 72 mães/acompanhantes com crianças menores de 3 anos, cujo objetivo foi avaliar o índice de aleitamento materno exclusivo (AME) e prevalência do aleitamento materno. Verificou-se que das 72 crianças incluídas na pesquisa somente 38.88% tiveram AME. O índice de aleitamento materno exclusivo e a predominância do aleitamento até os 2 anos estão aquém do desejado, havendo uma necessidade por parte das ESF de reavaliar a conduta aplicada na promoção do aleitamento materno.

Palavras-chave: Amamentação, promoção da saúde, atenção primária à saúde.

¹ Enfermeiras – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: cristinaferreira450@gmail.com ; elisangelaapmarcal@gmail.com

² Professora do curso de Enfermagem – FAVIÇOSA /UNIVIÇOSA. e-mail: eliangela@univicoso.com.br

³ Graduandas em Enfermagem – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: nandabrandao48@gmail.com; isaabitencourt@gmail.com

Introdução

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o aleitamento materno exclusivo (AME) deve ser contemplado nas primeiras horas de vida até os seis meses de idade, estando a mãe e o recém-nascido (RN) em condições favoráveis a isso, além do benefício nutricional, estimula o contato mãe e filho (PINHEIRO et al. 2016). Após este período é necessário enriquecer a dieta com alimentos complementares, e a continuação do aleitamento materno (AM) até os dois anos de idade ou mais (ROCHA et al. 2013).

A substituição AM por leite artificial quando realizada antes dos seis meses de vida, faz com que a cada ano 1,5 milhões de crianças venha a óbito no mundo, relaciona-se ao aumento de risco e da frequência de infecções gastrointestinais, devido à diminuição dos fatores protetores do leite materno e à introdução de água e alimentos contaminados devido à falta de noções de higiene por parte do preparador (SCHINCAGLIA et al. 2015).

Mesmo com a ampla divulgação sobre a importância do AME, ainda ocorre o desmame precoce e a introdução de outros alimentos, que pode levar ao aumento da morbimortalidade decorrentes de doenças infecciosas devido ao risco de contaminação desses alimentos, o que poderá diminuir a imunidade do RN e expondo-o a riscos de doenças crônicas recorrentes na infância, dentre outros riscos (CARRASCOZA et al. 2011).

Assim, torna-se necessário avaliar o índice de aleitamento materno exclusivo (AME) e prevalência do aleitamento materno numa Estratégia Saúde da Família.

Material e Métodos

Foi realizada uma pesquisa descritiva, de abordagem quantitativa. Participaram deste estudo, as mães ou responsáveis de 72 crianças menores de três anos de idade cadastradas na Estratégia Saúde da Família do município de Pedra do Anta MG.

A coleta de dados foi efetuada por meio de uma entrevista individual com cada mãe ou responsável, utilizando um questionário

estruturado contendo questões fechadas, apresentando variáveis relacionadas, consumo de leite materno, outros tipos de leite e outros alimentos, como chás, água e outros líquidos, seguindo as recomendações da OMS para levantamento sobre amamentação. Foi possível definir se a criança havia ou não recebido o leite materno de forma exclusiva, foram identificadas características relacionadas à interrupção precoce da amamentação exclusiva, desmame precoce e prevalência do aleitamento materno.

Após coleta de dados, utilizou-se a análise de estatística descritiva, com o intuito de identificar a prevalência do aleitamento materno e possíveis fatores associados ao desmame precoce.

A pesquisa foi realizada de acordo com as normas de pesquisa que envolve seres humanos, sendo desenvolvida após aprovação do Comitê de Ética da Univiçosa sob número de protocolo 054/2017-I.

Resultados e Discussão

Das crianças que participaram da pesquisa 55.55 % são do sexo masculino, e 44.44% do sexo feminino, a idade variou de 1 a 35 meses, em relação ao peso, 15.27% crianças nasceram de baixo peso, e 80.56% atermo. 72.22% mamaram na primeira hora de vida e 27.77% não mamaram na primeira hora de vida.

A amamentação na primeira hora de vida é recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e corresponde ao Passo 4 da Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC), sendo que o conjunto de práticas, estruturas e rotinas e a qualidade dos recursos humanos das maternidades podem interferir no tempo até a primeira mamada (BOCCOLINI et al.2010).

Em relação ao uso de bicos ou mamadeiras 56.27% usaram durante a amamentação e 34.72% não usaram. Buccini; Benício e Venancio (2014) afirmam que o uso desses utensílios pode afetar o processo de amamentação e produzir alterações na saúde da criança.

Na tabela 01 verifica-se se as crianças receberam AME,

outro tipo de leite, água ou chá, após a alta da maternidade, e o tempo que prevaleceram com AME, e quando deixaram definitivamente de amamentar.

Tabela 01: Características sobre aleitamento materno das crianças assistidas na Saúde da Família de município de MG, 2017 (N= 72).

Características do aleitamento	n	%
materno		
<i>Após alta da maternidade</i>		
<i>Mamou somente no peito</i>		
Sim	66	91.66
Não	7	8.33
<i>Tomou outro tipo de leite</i>		
Sim	15	20.83
Não	57	79.16
<i>Tomou água</i>		
Sim	2	2.77
Não	70	97.22
<i>Tomou chá</i>		
Sim	9	12.50
Não	63	87.50
<i>Até seis meses de idade, recebeu leite materno exclusivo</i>		
Sim	28	38.88
Não	44	61.11
<i>Tempo de amamentação exclusiva (dos que tiveram desmame precoce)</i>		
<i>Nenhum dia</i>	34	47.22
<i>De 1 a 9 dias</i>	31	43.05
<i>De 15 a 21 dias</i>	3	4.16
<i>Ainda exclusivo</i>	4	5.55
<i>Quando deixou definitivamente de amamentar seu filho</i>		
<i>Nunca amamentou</i>	8	11.11
<i>De 1 a 6 meses</i>	10	13.89
<i>De 7 a 16 meses</i>	14	19.49
<i>De 17 a 27 meses</i>	11	15.27
<i>Ainda amamenta</i>	29	40.27

Após a alta da maternidade 91.66%, das crianças mamaram somente no peito, e que continuaram com aleitamento materno exclusivo foram 38.88%, e 5.55% ainda estão em AME. De acordo com Queluz et al. (2012), apesar da comprovação científica do AME, o desmame precoce está sendo um problema de saúde pública no Brasil, havendo a necessidade constante de monitoramento dos indicadores de alimentação infantil identificação de determinantes, propostas de intervenções e novas pesquisas para o planejamento em saúde pública para a definição e redirecionamento de políticas na área materno-infantil, tanto de âmbito nacional como local.

Nos primeiros dias 12.50% das crianças receberam chá após a alta da maternidade, 2.77% água, e 20.83% recebeu outro tipo de leite. Estudos bibliográficos realizados por Marques, Cotta e Priore (2011), destacam que as mães sentem inseguras em relação à alimentação da criança, acreditam que o chá acalma, previne ou trata resfriado, o leite materno não mata sede, ou mesmo é fraco devido ao choro constante da criança, destacando a importância da atuação do profissional de saúde para esclarecer essas dúvidas e analisar a situação da criança como um todo.

Em relação ao tempo que conseguiram manter o AM, 11.11% nunca amamentaram, 13.89% apenas 6 meses, 19.49% de 7 a 16 meses, 15.27% de 17 a 27 meses, e 40.27% ainda estão amamentando, sendo que desses que ainda estão amamentando 5.55% ainda não completaram 6 meses e estão em AME. De acordo com Souza, Sondré e Silva (2015), há uma baixa prevalência de mulheres que mesmo após a introdução de outros alimentos, mantém o leite materno como uma das fontes nutritivas para a criança até 24 meses, ainda de acordo com Brasil (2009) o leite materno continua sendo uma importante fonte de energia, proteína e outros nutrientes, como vitamina A e ferro, continuando protegendo a criança contra doenças infecciosas.

Conclusões

O índice de aleitamento materno exclusivo manteve-se em 38,88%, indicando a necessidade por parte das ESF de reavaliar a

conduta aplicada na promoção do AM, conhecer as características maternas, ou mesmo oferecer orientação individual em visitas domiciliares durante o puerpério, propondo novas estratégias e ações para estimular a amamentação.

Referências Bibliográficas

BOCCOLINI, S.C; CARVALHO, L.M; OLIVEIRA, C.I. M; VASCONCELLOS, G.G.A. Fatores associados à amamentação na primeira hora de vida. **Rev Saúde Pública**, 2010.

BUCCINI, S.G; BENÍCIO, D.H. M; VENANCIO, I.S. Determinantes do uso de chupeta e mamadeira. **Rev Saúde Pública**; v.48, n.4, p571-571,2014.

BRASIL - Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal^{1ª} edição^{1ª} reimpressão **Série C. Projetos, Programas e Relatórios**. Brasília – DF 2009.

CARRASCOZA, C.K.; POSSOBON, F.R.; AMBROSANO, B.M.G.; JÚNIOR, C.L.A.; MORAES, A.B.A. Determinantes do abandono do aleitamento materno exclusivo em crianças assistidas por programa interdisciplinar de promoção à amamentação. **Ciência & Saúde Coletiva**; v.16, n.10; p.4139-4146, 2011.

MARQUES, S.E; COTTA, M, M.R; PRIORE, E.S. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.5, p.2461-2468, 2011.

PINHEIRO, J.M.F.; MENÊZES, T.B.; BRITO K.M.F.; MELO, A.N.L.; QUEIROZ, D.J.M; SUREIRA, T.M. Prevalência e fatores associados à prescrição/solicitação de suplementação alimentar em recém-nascidos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v, 32; n.3; p00010315, mar, 2016.

QUELUZ, C.M; PEREIRA, B.J. M; SANTOS, B.C; LEITE, M.A;

RUBENS GARCIA RICCO, G.R. Prevalência e determinantes do aleitamento materno exclusivo no município de Serrana, São Paulo, Brasil. **Rev Esc. Enferm USP**, v. 46, n.3, p.537-43, 2012.

ROCHA, B.N; GARBIN, I.J; GARBIN, S.A. C; SALIBA, O; MOIMAZ, S.A.S. Estudo Longitudinal sobre a Prática de Aleitamento Materno e Fatores Associados ao Desmame Precoce. **Pesq Bras Odontoped Clin Integr**, João Pessoa, v.13, n.4, p.337-42, out./dez., 2013.

SCHINCAGLIA, M.R; OLIVEIRA, C.A; SOUSA, M.L; MARTINS, A.K. Práticas alimentares e fatores associados à introdução precoce da alimentação complementar entre crianças menores de seis meses na região noroeste de Goiânia. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v.24, n.3, p.465-474, jul-set 2015.

SOUZA, N.H. M; SODRÉ, D.R. V; SILVA, F.N.F. Prevalência e fatores associados à prática da amamentação de crianças que frequentam uma creche comunitária. **Ciencia y Enfermeria XXI** (1), 2015.